



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**LEONARDO GRACO DE OLIVEIRA BRAZ**

**EXPRESSÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE CUIDADO E  
PREVENÇÃO DURANTE A PANDEMIA: LEITURAS DE UM  
GRADUANDO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

**SANTOS  
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**EXPRESSÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE CUIDADO E  
PREVENÇÃO DURANTE A PANDEMIA: LEITURAS DE UM  
GRADUANDO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Adjunta IV Patrícia Leme de Oliveira Borba. Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, curso de Terapia Ocupacional

**SANTOS  
2021**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

LEONARDO GRACO DE OLIVEIRA BRAZ

**EXPRESSÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE CUIDADO E PREVENÇÃO  
DURANTE A PANDEMIA: LEITURAS DE UM GRADUANDO DE TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 19 de fevereiro de 2021 para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Banca examinadora:

---

Profª Drª Patrícia Leme de Oliveira Borba

---

Jaime Daniel Leite Junior  
Terapeuta Ocupacional (DTO/UFSCar)  
Doutorando em Terapia Ocupacional (PPGTO/UFSCar)

**RESUMO**

O presente artigo discute as expressões de gênero no processo de prevenção e cuidado durante a pandemia, o lugar desigual ocupado por homens e mulheres nas relações domiciliares/familiares e as diferentes manifestações do sexismo nas questões relativas às mudanças no cotidiano causadas pelo distanciamento físico e isolamento domiciliar. Adota-se a categoria *masculinidade hegemônica* para analisar o processo de formulação de cotidiano, da redução de participação social e da maneira como homens e mulheres vivem a pandemia. O recorte da investigação foi possível a partir da minha inserção como pesquisador no Projeto: “*Desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID-19: monitoramento, análise e recomendações*”, cujo objetivo geral foi avaliar os impactos da pandemia de COVID-19 em bairros periféricos de Santos, SP, com foco nas áreas de maior vulnerabilidade. A metodologia considerou a produção de relatórios, diários de campo, participação em todas as fases da pesquisa de campo e o acúmulo de saber empírico. Os referenciais teóricos privilegiam a terapia ocupacional social e a discussão de gênero para análise do processo de limitação ou impedimento da participação social. Dentre as considerações alcançadas neste estudo destacam-se as possíveis contribuições da práxis do terapeuta ocupacional e a pertinência da inserção deste profissional no contexto de reconstrução de cotidianos interrompidos e modificados pela pandemia.

**Palavras-chave:** cotidiano, masculinidade, gênero, vulnerabilidade, terapia ocupacional, pandemia, covid

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>7</b>
<b>3. Resultados e Discussão.....</b>	<b>9</b>
3.1 O gênero feminino como definidor da experiência na pandemia.....	9
3.2 A masculinidade e o discurso negacionista: da esfera pública à individual.....	12
3.3 As possibilidades pela Terapia Ocupacional Social.....	16
<b>4. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>18</b>

## Introdução

A pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) se mostra como um dos maiores desafios sanitários em escala mundial deste século. Na metade do mês de abril, poucos meses depois do início da epidemia na China em fins de 2019, já haviam ocorrido mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes no mundo por COVID-19 (WERNECK; CARVALHO, 2020). O Brasil, até então, tinham sido registrados cerca de 21 mil casos confirmados e 1.200 mortes pela COVID-19, desde o início da pandemia, os números de contaminados e de óbitos no Brasil cresceu vertiginosamente, colocando o Brasil entre os países com maior número de infectados e mortos no mundo, alcançando no dia 1 de março de 2021 um total de 10.551.259 casos, enquanto os óbitos chegaram a 254.942 pessoas, segundo dados publicados pelo *Jornal Gazeta do Povo*, no dia 28 de fevereiro de 2021.

A crise causada pela pandemia de COVID-19 afetou profundamente a vida de todos, porém os desdobramentos sanitários, sociais e econômicos desencadeados pela contaminação em massa recaem mais pesadamente sobre certas parcelas da população, escancarando os problemas de desigualdade pré-existentes na sociedade (DEMENECH et al. 2020); desigualdade não apenas econômica, mas também racial e de gênero, sendo a última o foco das discussões pelo presente artigo

No Brasil é possível afirmar, tratar-se de um país que notoriamente reproduz concepções patriarcais e machistas em todas as suas camadas sociais, e o fato de estar entre os primeiros no *ranking* de países que mais violenta e mata mulheres e pessoas trans no mundo (FERREIRA, R.G.G., 2020), reitera e legitima essa constatação. A reprodução do machismo está enraizada na população, não apenas na realidade individual de cada cidadão, como também na rotina de grande parte das famílias brasileiras, na forma como processos institucionais são conduzidos e no poder público, com diferentes manifestações que variam de acordo com a interseccionalidade de alguns marcadores sociais da diferença, tais como classe, raça e religião (BRAH, 2006).

A expressão do que foi conceituado por Connell (1995) como masculinidade hegemônica atravessa todas as relações de poder, ultrapassando as estruturas de papéis sociais e biológicos nas relações individuais de homens e mulheres, podendo ser observada em todas as estruturas de

poder; das manifestações públicas do atual governo federal às práticas de violência concretas e simbólicas que acontecem na relação entre homens e mulheres.

É possível analisar a construção de tais conceitos hegemônicos a respeito do que é ser homem e como este pode ser prejudicial para toda a população, de um lado, através da disseminação da desinformação e, de outro, da execução de políticas públicas, enquanto conjunto de ações que seguem a lógica de comportamentos associados à determinada masculinidade. Este padrão define, de forma direta e indireta, a construção de práticas e comportamentos exercidos por homens e mulheres de todas as classes sociais, assim como, influencia a forma como a população, de modo geral, tem lidado com a atual pandemia de COVID-19.

Neste artigo eu busquei trazer as minhas leituras como pesquisador inserido em um grupo interdisciplinar sobre as expressões de gênero no processo de prevenção e cuidado durante a pandemia. No estudo também reflito sobre o lugar desigual que homens e mulheres ocupam nas relações domiciliares/familiares, bem como, as diferentes manifestações do sexismo nas questões relativas às mudanças no cotidiano causadas pelo distanciamento físico e isolamento domiciliar.

## **Metodologia**

O estudo presente neste artigo se debruça sobre material empírico produzido a partir da minha inserção como pesquisador do projeto “*Desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID-19: monitoramento, análise e recomendações*<sup>1</sup>” realizado entre os meses de maio a novembro de 2020, que se dedicou a analisar os processos e impactos da pandemia do COVID-19 em 16 territórios, em 6 *campi* distintos da Universidade Federal de São Paulo, em 5 municípios, todos no Estado de São Paulo, bem como as formas de operacionalização de redes de apoio, ajuda mútua e de solidariedade organizadas pelos grupos sociais participantes da investigação, considerando suas realidades territoriais e agenciamentos. A pesquisa optou pela

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Fundação Tide Setubal e coordenada pela Profa. Dra. Lumena Almeida Castro Furtado (UNIFESP) um estudo multicêntrico que envolveu cinco territórios dos seis campi que compõem a UNIFESP. No caso, estive vinculado a pesquisa como pesquisador bolsista no campus da Baixada Santista coordenado pela Profa. Dra. Cristiane Gonçalves da Silva e Profa. Dra. Eunice Nakamura e com uma equipe de 36 pesquisadores comunitários, 48 docentes de diferentes áreas e 18 pesquisadores estudantes de graduação. “A pesquisa tem o objetivo elaborar estudos e propostas técnico-científicas para avaliação dos impactos da pandemia de COVID-19 em diversas regiões de São Paulo, com foco nas áreas de maior vulnerabilidade. Ela será realizada concomitantemente ao alastramento da pandemia. Deverão ser pesquisados e comparados territórios com diferentes perfis econômico e social, por meio de recortes temáticos, caracterizando as situações de maior risco, iniquidade e vulnerabilidade, com análise crítica”.

utilização de diferentes métodos para a composição do seu campo empírico, a saber: análise de indicadores sociodemográficos dos territórios estudados; questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas; rodas-de-conversa e usuário-guia (FURTADO et al, 2021).

A experiência de me vincular como pesquisador ao projeto de pesquisa "*Desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID-19: monitoramento, análise e recomendações*", me possibilitou ter uma aproximação significativa dos impactos da pandemia e do distanciamento físico na vida da população de dois bairros marcados pela condição de vulnerabilidade social de seus moradores e pela falta de infraestrutura; os bairros da Alemoa e do Saboó na cidade de Santos, onde se deu minha inserção como pesquisador.

A condução da pesquisa e do processo investigativo foi centralizada por eixos temáticos concernentes: 1) à relação entre o acesso à informação e a adesão às estratégias e táticas de prevenção e combate à disseminação do COVID-19; 2) às relações entre condições de moradia e mobilidade das pessoas e o isolamento domiciliar; 3) à intensificação da relação de desigualdade de gênero durante o período de pandemia e por fim, 4) às relações entre a perda de renda, o aumento da pobreza e a insegurança alimentar e nutricional e relações com a produção da saúde (FURTADO et al., 2020).

A terapia ocupacional, como área de conhecimento, tem dentre seus objetivos de processos interventivos a ampliação da participação social, que pode estar sendo limitada ou interrompida por diversas razões, inclusive de natureza sociológica, como decorrente da desigualdade de gênero que afeta as pessoas, de forma geral, no entanto, os estudos de gênero já indicam há muitos anos que as mulheres são afetadas em maior escala (ALVES; CAVENAGHI, 2013) , o que provoca prejuízos de muitas e distintas ordens em seus modos de vida e na expressão de sua participação social.

O estreitamento do meu olhar sobre um recorte específico das formas de impacto causado pela epidemia acontece posteriormente à execução da ida a campo para aplicação do questionário, no primeiro momento, e para a realização das entrevistas elaboradas com vistas a compreender mais profundamente os atravessamentos das questões relativas a gênero e a produção de vida, no segundo. Pouco mais de 100 residentes dos bairros do Saboó e da Alemoa responderam o questionário, compondo um grupo demográfico que variou principalmente entre homens e mulheres cis, de 20 a 50 anos; as entrevistas semiestruturadas aconteceram individualmente e com grupos, foram duas entrevistas coletivas, uma com um grupo de sete

jovens de idade escolar do bairro da Alemoa e outra com um grupo de sete mulheres mães da Vila Pantanal, que é como se denomina uma parte do bairro do Saboó; além das entrevistas coletivas, foram realizadas dez entrevistas individuais, com quatro homens e seis mulheres.

Nesse sentido, a realização deste manuscrito se baseia, principalmente, em minha experiência como pesquisador de campo utilizando instrumentos de investigação previamente decididos coletivamente pela equipe de pesquisadores e coordenadores. Portanto, é importante ressaltar que parte da escolha metodológica para realização deste artigo integra a metodologia utilizada no projeto *“Desigualdades e vulnerabilidades na epidemia de COVID-19: monitoramento, análise e recomendações”*, juntamente com uma interpretação destes processos sob um referencial teórico específico, composto principalmente por estudos realizados na área da terapia ocupacional social e nos estudos a respeito de gênero e sexismo, principalmente, fundamentados em autores e autoras que utilizam os conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidades feministas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Seres Humanos, sendo que todas participações foram previamente autorizadas via a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Por fim, é importante notar que essa escolha na relação dualista homem-mulher, não significa que desconsideramos as outras formas de existência de expressões de gênero e orientações sexuais, contudo, o campo empírico nos levou a essa construção heteronormativa que é majoritária nos territórios estudados e parte fundamental das problemáticas trazidas neste artigo.

## **Resultados e Discussão**

### **O gênero feminino como definidor da experiência na pandemia**

A análise da realidade a partir da articulação das categorias gênero e classe se mostrou pertinente ainda na etapa onde foram aplicados questionários estruturados, já foi possível perceber alguns sinais da prevalência de um modelo desigual de divisão de responsabilidades dentro das casas, seguindo a dinâmica padrão com a qual se organiza a produção de cotidiano dos brasileiros, que segue o modelo socialmente estabelecido onde o homem é responsável financeiramente pelo provimento da família, sob a ótica de que são eles que tem a aptidão

necessária e essa responsabilidade é inerente à sua condição de gênero masculino , em contrapartida, a mulher deve então se responsabilizar pelas outras obrigações relacionadas à vida doméstica e aos cuidados dos(as) filhos(as). Segundo Connell (1997), são essas características que se desdobram em ações cotidianas que fazem com que a masculinidade possa ser entendida como determinada configuração de práticas. Nesse sentido, de acordo com Nascimento e colaboradores (2011, p. 184) , “*o que se considera masculinidade hegemônica é um conjunto recorrente de elementos articulados (crenças, atitudes, práticas) que servem de referência para a definição do que é ser homem em determinado contexto*”.

A partir de perguntas que questionavam como eram divididas as tarefas domésticas antes e durante o período de distanciamento social ficou nítido o fato de que mesmo em uma realidade de fechamento de escolas e aumento da carga do trabalho doméstico por consequência da presença de crianças em casa, a forma como as funções relativas a manutenção da casa, cuidado das crianças, preparo da comida e outras tarefas desta natureza continuaram sendo responsabilidade das mulheres gerando um excesso de trabalho para as mesmas.

Diante da constatação de que uma mudança significativa dos modos de vida acarretada pela pandemia alterou muito pouco a forma como as famílias se organizam no que diz respeito ao compartilhamento de responsabilidades dentro de casa, é possível perceber a prevalência dos modelos hegemônicos patriarcais como regentes das relações; “*modelos hegemônicos de masculinidade socialmente legitimados estão também em jogo nas famílias. Por exemplo, as estratégias de gênero dos homens definem negociações em torno do trabalho doméstico e da "dupla jornada"* (CONNEL; MESSERSCHIDT, 2013, p. 253), mostrando o quão internalizadas estão as concepções de como funciona a construção de papéis nas relações heteronormativas, em que as mulheres ainda assumem papel central de organizadora da família e da casa, ainda somada à necessidade de geração de renda em alguns casos, ficando sobrecarregadas.

Alguns aprendizados provenientes da ida à campo revelam que a desigualdade de gênero que estrutura as relações já era um problema pré-existente a deflagração da pandemia, mas que se aprofunda e ganha mais visibilidade neste período; a centralidade do papel da mulher no sustento da vida doméstica é ainda mais acentuada neste momento de instabilidade econômica e social, a maternidade se torna definidora de grande parte da experiência da pandemia para parcela das mulheres que participaram do estudo.

A partir das entrevistas com homens e mulheres, é perceptível a diferença na forma de compreender o período que vivemos e na forma como se estabelecem seus modos de vida ; a expectativa que recai sobre as mulheres é a de que estas se responsabilizem pelo cuidado de forma geral, seja do lar, das crianças, da alimentação e até mesmo dos cuidados em saúde; “*Sim, mulher se cuida mais, ela preza mais pela segurança pela família e tem um carinho maior, acho que é natural da mulher isso daí*” (Entrevista “Ágora”, 22 anos, Alemoa).

A naturalização do papel da mulher de cuidadora também é sustentada pelo papel oposto exercido pelos homens, que negligenciam sua saúde pois a ideia de procurar por assistência médica, e nesse caso específico, seguir as recomendações de prevenção ao COVID-19, em especial as que dizem respeito ao uso das máscaras e ao distanciamento físico, pode significar fraqueza e vulnerabilidade a aderi-las (GOMES, 2008 apud NASCIMENTO, 2011), calcado também na percepção mais tradicional do vínculo entre autocuidado e feminilidade (Keijzer, 2006).

A disputa entre condutas dentro de um mesmo regimento familiar é conflituosa, gerando brigas e descontentamentos como se observa no trecho abaixo de uma entrevista realizada com uma moradora do bairro da Alemoa:

*Ah, ultimamente. Particularmente, de verdade, porque eu não preciso tá mentindo, tá tendo muitas brigas... Muitas brigas mesmo, por conta de querer sair, deixar a mulher em casa, porque é assim né, aqui [...] o meu marido acha que ele é imune, que ele não vai morrer. Só que ele não percebe que não é ele não ter medo de pegar, é ele pegar e passar pra quem tá dentro de casa, tanto que eu já peguei, meu bebê pegou, ele pegou e ele não para. Então assim questão de briga aqui acaba tendo muito até... particularmente até ontem. Diz ele que vai melhorar, vai parar com isso [fala com tom de riso e incredulidade]. Aí eu falei pra ele que pra mim não vai dar mais, não. Se continuar assim não vai dar, não. Eu tenho que cuidar dos meus filhos, tenho que cuidar da minha saúde e cuidar de um homem que não tá prestando atenção na família que ele tem pra mim não dá certo. (Entrevista Ana, 30 anos, Alemoa).*

Fica evidente a crítica da mulher em relação ao comportamento de seu companheiro relativo a não adesão ao distanciamento físico, explicitando que a expressão de uma dada masculinidade, reitera a crença de que os homens são fortes e não são vulneráveis à doença.

A experiência de campo comprovou em certo grau que as mudanças impostas pela pandemia, no que diz respeito a hábitos preventivos, manutenção da rotina da casa, cuidado com os filhos e supervisão das atividades escolares e outras aprofundam uma desigualdade de gênero que caracteriza as relações conjugais, sobrecarregando a mulher quando se trata do cuidar, como argumenta Oliveira (2020, p. 158):

Em um cenário de crescente instabilidade política, econômica e social, são mulheres que carregam os custos físicos e emocionais mais pesados. São também as que conectadas em redes de apoio mútuo e colaboração expressam a ação solidária e a resistência horizontal que sobrevive à pandemia.

Ao refletir sobre as formas como se exercem papéis dentro das relações conjugais e familiares é possível chegar à conclusão que existe uma redução ou uma interrupção da participação social de mulheres que ficam sujeitas às condições desiguais de produção de cotidiano, especialmente na pandemia, dadas às novas demandas geradas pelo cenário pandêmico de necessidade de se prevenir, distanciamento social, fechamento das escolas, desemprego e aumento da vulnerabilidade social.

O cumprimento dos papéis socialmente definidos sem que haja um processo de reflexão ou problematização a respeito de como são discrepantes as vivências entre homens e mulheres que coabitam na mesma casa reforça a ideia de que existe um pensamento hegemônico perpassando o modo como se projetam e estabelecem as experiências de cada um, constituindo um processo de dominação. De acordo com Bourdieu (1989), os sistemas simbólicos são construídos historicamente e considerados como naturais, ou seja, ao serem naturalizados eles cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação.

### **A masculinidade e o discurso negacionista: da esfera pública à individual**

Dentre as características que compõem o conjunto de elementos referentes à ideia hegemônica de masculinidade, está a resistência física, a crença de que o corpo masculino não deve ser abalado, pois a fragilidade ainda é associada ao feminino, dessa forma, o cuidado com o corpo e com a saúde também não fazem parte do universo masculino; tal como aponta Keijzer (2006) *“de forma geral, o autocuidado e a valorização do corpo no sentido da saúde é algo*

*quase inexistente na socialização dos homens. Pelo contrário, cuidar de si ou cuidar dos outros aparece como algo claramente feminino”.*

A crença na invulnerabilidade de seus corpos atravessa diretamente a forma como se percebe o processo saúde-doença e como a pandemia de COVID-19 foi percebida no imaginário social, influenciando a postura dos homens diante da nova realidade de exigências sanitárias e normas de convivência, postura essa que foi reforçada e reproduzida em todos os segmentos da sociedade, partindo da esfera pública que se propaga até a realidade individual de cada pessoa.

As idéias ocultas sobre a virilidade masculina também são reforçadas e atualizadas pela narrativa propagada pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que em suas primeiras declarações em referência a COVID no dia 24 de março de 2020, declarou:

*“o coronavírus como "gripezinha". "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha, ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa”.*

Declarações como essas, somadas às inúmeras provocações de aglomerações acrescidas de desastrosas ações técnicas de enfrentamento a pandemia, adotadas pelo ministério da Saúde<sup>2</sup>,

2 O governo do Presidente Jair Bolsonaro está no terceiro ministro no comando da Pasta da Saúde no período da mais grave crise sanitária pandêmica vivida no país. O primeiro, Luiz Henrique Mandetta foi ministro da Saúde de 1º de janeiro de 2019-16 de abril de 2020, quando foi demitido após divergências com o presidente quanto à política de isolamento social durante a pandemia de COVID-19 (Globo, 16 de abril de 2020); o segundo, Nelson Teich foi ministro no período de 17 de abril a 15 de maio de 2020, quando deixou o governo menos de um mês após tomar posse, as alegações é de que fora desautorizado pelo presidente, que por sua vez é contrário ao isolamento e em função de divergências sobre o protocolo do uso da não testada hidroxiclороquina para tratar pacientes diagnosticados com Covid-19 (Diário de Notícias, 15 de maio de 2020), o terceiro e atual ministro é o general Eduardo Pazuello, que assumiu como ministro interino desde a saída do seu antecessor, sendo efetivado como ministro em 16 de setembro de 2020. Desde que assumiu o cargo como interino, sérias acusações recaem sobre a sua gestão, uma ação apresentada ao Supremo Tribunal Federal encaminhada à Procuradoria Geral da República o denunciava por prevaricação e improbidade administrativa em razão do apagão de dados da Covid-19 no site do Ministério da Saúde. Os dados totais da epidemia deixaram de ser divulgados no dia 05 de junho, quando o portal do Ministério da Saúde dedicado às estatísticas do coronavírus foi tirado do ar para manutenção, e o governo passou a divulgar apenas os dados de casos confirmados e mortes registradas nas 24 horas anteriores, ocultando os dados totais. (CNN Nacional, 06 de junho de 2020). Mais recentemente, em manifestação da Advocacia-Geral da União (AGU) encaminhada ao Supremo Tribunal Federal, em janeiro de 2021, atesta que a pasta da saúde foi informada sobre a crítica situação do esvaziamento de estoque de oxigênio em Manaus, por meio de e-mails enviados pela empresa fabricante, embora o ministro negue qualquer responsabilidade quando convocado pelo Senado a prestar contas da omissão do governo mediante o desastre sanitário, o agravamento da situação com elevado número de óbitos por asfixia em Manaus, afirmou o então ministro que não seria de competência da União tal atribuição. (Senado Notícias, 11 de fevereiro de 2021)

acumuladas ao longo desse último ano foram reunidas e culminaram em diversos protocolamentos de processos de impeachment, uma denúncia à Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, e dentro do âmbito acadêmico cunhou-se o conceito que o governo tem utilizado de uma estratégia institucional de propagação do vírus (FERREIRA, A.B. et al., 2020).

A opção por adotar discursos negacionistas e minimizantes demonstram a irresponsabilidade institucional (e pessoal) do governo federal e do presidente da república, que através de discursos pseudocientíficos estimula o descaso com a pandemia, concepções e comportamentos obscurantistas e arbitrários e que estão vinculados às ideias de imunidade que fazem parte do imaginário masculino, como destaca Medrado e colaboradores (2021, p. 182):

Não por acaso, como noticiado pela imprensa brasileira, que o presidente Jair Bolsonaro disse, em pronunciamento público, que é preciso enfrentar o problema “como homem, pô, não como moleque”, em um passeio pelo comércio de Brasília e cidades vizinhas, na manhã do dia 29/03/2020, “contrariando mais uma vez o [então] ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, e autoridades médicas de todo o mundo que defendem o isolamento social contra o novo coronavírus”.

A adoção de tais práticas e discursos impacta profundamente a concepção que a população tem da doença, da sua gravidade, das medidas de proteção adotadas pelo governo, pelos estados e municípios, causando uma cascata de reações com repercussão praticamente incalculável, mas que na experiência de campo se mostrou influenciar inclusive os embates domiciliares acerca da conduta exercida por homens e mulheres diante da possível contaminação, gerando disputas de poderes onde a desigualdade se estabelece e em muitos casos, deixa a mulher subordinada à correr riscos causados pelo fato de seus companheiros optarem por não se protegerem adequadamente do vírus, com discursos validados por pessoas da esfera pública com alto grau de influência, como o presidente; pudemos presenciar o efeito de tais discursos presente na realidade individual de pessoas que entrevistamos:

*“Ela contou que tem ocorrido muitas brigas com seu marido, ressaltou que ela tem gritado e falado palavrões para ele e comentou que não houve nenhum tipo de agressão física. Explicou que o principal motivo dos conflitos são as saídas frequentes do marido e sua preocupação com a segurança de saúde dela, do filho e da filha.”* (Diário de Campo, entrevista A/Alema, Janine).

O uso de máscaras, mesmo sendo um dos métodos preventivos mais eficientes, simples, acessíveis e de eficácia comprovada cientificamente, ainda é atravessado por fatores que dificultam o seu uso, tanto entre homens mais velhos que de alguma forma crêem em sua imunidade, quanto entre as pessoas jovens, somado à pressão social em volta do uso e à sensação de proteção por estar entre pessoas conhecidas, como evidenciam os trechos de entrevistas a seguir:

*“Não, eles negam né, se negaram a crer que existia algo dessa agressividade que estavam divulgando. isso [COVID-19] não assombra né, por mais que seja ruim, não assombra dessa forma, até porque as pessoas que mais correm risco, que são os mais velhos, sentem que já passaram por coisas piores, mesmo que seja ruim adoecer, saca? Meu pai não tava nem aí, a maioria dos senhores daqui do bairro não tavam nem aí também, o assombrado era eu.”* (Ágora, 22 anos, Alemoa, Santos, 2020).

*“então durante as primeiras semanas da pandemia, quando nós não sabíamos ainda a proporção do que estava acontecendo os cuidados eram menores e as pessoas eram um pouco mais negligentes, relataram até momentos onde elas não se cuidavam por uma certa pressão social, como por exemplo por vergonha de usar máscara, pois ninguém no bairro estava usando e coisas desse tipo, mas isso mudou conforme o tempo passou”.* (Diário de campo, Braz, 23 anos, Santos, 2020).

É importante ressaltar também que a opção de não seguir os protocolos recomendados para proteção contra a COVID-19 afeta principalmente os próprios disseminadores de tais práticas, e neste momento me refiro aos homens, pelo fato de que as ideias vinculadas ao que foi nomeado como masculinidade hegemônica estão presentes no discurso negacionista, como a negligência com o cuidado da própria saúde, que segundo Separavich (2013), significa para homens, fazer exercícios físicos e procurar pelo médico em situações extremas, na perspectiva masculina, o que acaba por ser um determinante no processo saúde-doença causado pelo vírus COVID-19, como no relato do pesquisador Israel Júnior Borges do Nascimento, do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG que diz que *“Os homens em geral buscam menos assistência médica do que as mulheres. Eles tardam mais e chegam nos hospitais por causa de casos mais graves”.* (DIAS, 2020).

As noções de invulnerabilidade masculina, de abjeção masculina ao cuidado e à prevenção são elementos que fazem parte do modelo hegemônico masculino e dificultam algumas das principais práticas para evitar a disseminação da COVID-19, que são o distanciamento físico, o uso de máscaras e a higienização das mãos. Tais práticas precisam ser objeto de reflexão na medida em que colocam em risco à saúde de homens e mulheres e mais amplamente dos pactos civilizatórios e da ordem social (MEDRADO et al. 2021).

### **As possibilidades pela Terapia Ocupacional Social**

Pensando a terapia ocupacional como área de atuação que sustenta a intervenção baseada em uma perspectiva coletiva, analisando não somente questões de ordem individual de cada sujeito, mas tendo um olhar atento para contextos que são atravessados pela política, pela história e pela cultura (MELO; MALFITANO; LOPES, 2020), é possível pensar na elaboração de práticas que compreendam o contexto social como gerador de demandas, que afetam as pessoas individualmente, mas fazem parte de um problema de ordem social e coletiva.

A inserção social de cada indivíduo é atravessada por marcadores sociais da diferença, marcadores estes, que provocam rompimento de vínculos e redução ou interrupção da participação social; os desdobramentos dessas diferenças normalmente tem como consequência as desigualdades que se traduzem em fragilidades presentes no vínculos relacionais, nos círculos sociais e na ausência de participação social (MELO; MALFITANO; LOPES, 2020), que segundo Castel (1999), é balizada por dois eixos fundamentais: relação com o trabalho e sua relação com redes sociais de suporte.

Entendendo que as questões apontadas no presente artigo são da ordem social e estão enraizadas em aspectos profundos da nossa constituição cultural como sociedade brasileira, pensar nas estratégias de intervenção da terapia ocupacional social frente a esses contextos é pensar em abordagens que prevêm enfrentamentos culturais, principalmente no que diz respeito a problematização de concepções amplamente reproduzidas e que causam impactos nas esferas coletivas e individuais, provocando rupturas no cotidiano e regendo modos de vida, dimensão que permeia o exercício profissional.

Dentre as múltiplas possibilidades de ação partindo do lugar do terapeuta ocupacional, é possível pensar na criação de ferramentas para problematização de concepções negacionistas à

respeito da pandemia e da própria masculinidade; a criação de espaços individuais ou coletivos de troca permite acesso à realidades grupais e individuais, aprofundando o conhecimento do profissional, facilitando a elaboração de recursos comunicativos e a utilização de tecnologias sociais que possam construir caminhos em direção ao desenvolvimento de novas formas de pensar e de se formular cotidianos, bem como constituir leituras mais críticas em relação a masculinidade hegemônica, machismo e sexismo, tão presentes nos cotidianos periféricos e tão naturalizados.

A criação de espaços de cuidado vai para além da lógica do acolhimento; no caso da atenção às pessoas que têm sua inserção social marcada pela subordinação à grupos culturalmente e historicamente dominantes, a formulação de espaços coletivos também deve também acontecer na intenção de articular estes grupos com o objetivo de pensar em estratégias de enfrentamento às questões relativas à reprodução de violências simbólicas e concretas que acontecem no processo de dominação.

Entendendo o cotidiano como um dos centralizadores da práxis do terapeuta ocupacional, é pertinente a inserção deste profissional no contexto de reconstrução de cotidianos interrompidos e modificados pela pandemia, a crítica a masculinidade hegemônica como um dos fatores constituintes do processo de formulação de cotidiano, redução de participação social e um determinante na maneira como homens e mulheres vivem a pandemia, permite um acúmulo de conhecimento e reflexões que permite a elaboração mais precisa de processos interventivos afim de sanar ou reduzir os impactos do pensamento hegemônico reproduzido em todas as escalas da sociedade.

Por fim, permanece o desafio, para nós terapeutas ocupacionais, embora não somente, mas todos profissionais que estão lidando com o enfrentamento a pandemia, de criar, inventar recursos e ferramentas para fazer pensar, problematizar e modificar comportamentos que colocam em risco não só a pessoa que adere ao discurso negacionista, mas todos aqueles que estão a sua volta.

A análise sobre a atual conjuntura social e seu espelhamento em uma dada realidade, é um pequeno passo frente a todas as dificuldades que estão postas, no entanto, não de menor valia uma vez que transpor o imobilismo se faz urgente e necessário.

## Referências bibliográficas

1. ALVES, JED; CAVENAGHI, SM. Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil. **Mediações**, Londrina, PR, v. 18, n. 1, p. 83-105, julho. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/16472/0>>; Acesso em 3 de fevereiro de 2021.
2. BARROS, DD. et al. Terapia Ocupacional Social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, SP v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903/15721>> Acesso em 8 de fevereiro de 2021.
3. BATISTA, GS. Entre o distanciamento físico e o lockdown: a solidariedade como práxis em tempos de pandemia. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 152-162, jan.-jun. 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/345288843\\_Entre\\_o\\_distanciamento\\_fisico\\_e\\_o\\_lockdown\\_a\\_solidariedade\\_como\\_praxis\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia](https://www.researchgate.net/publication/345288843_Entre_o_distanciamento_fisico_e_o_lockdown_a_solidariedade_como_praxis_em_tempos_de_pandemia)> Acesso em 5 de fevereiro de 2021.
4. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.
5. BOTTOM, FB. Considerações críticas acerca das teorias de Raewyn Connell e Judith Butler para o estudo das masculinidades. **Crítica histórica**. [online] v. 11, N. 22, p. 11-37, dez. 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/issue/view/476>> Acesso em 28 de janeiro de 2021.
6. BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. [online] n.26, p. 329-376. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>> Acesso em 9 de fevereiro de 2021.
7. CONNELL, RW. 1995. **Masculinities: Knowledge, power and social change**. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press.
8. CONNELL, RW; MESSERSCHMIDT, JW. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estudos Feministas**. Florianópolis, SC, v. 21, n.1, Jan./Apr. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>> Acesso em 28 de janeiro de 2021.

9. DEMENECH, LM; DUMITH, SC; VIEIRA, MECD e NEIVA-SILVA, L. Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. **Rev. bras. epidemiol. [online]**, vol.23, outubro de 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200095>> Acesso em 8 de fevereiro de 2021.
10. DIAS, R. COVID-19 atinge principalmente mulheres, mas mata mais homens, diz UFMG. **Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 9 de setembro de 2020. Disponível em:<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/09/interna\\_gerais,1183974/covid-19-atinge-principalmente-mulheres-mas-mata-mais-homens-ufmg.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/09/09/interna_gerais,1183974/covid-19-atinge-principalmente-mulheres-mas-mata-mais-homens-ufmg.shtml)> Acesso em 10 de fevereiro de 2021.
11. FERREIRA, AB. et al. Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil. **Direitos na pandemia**, São Paulo, Boletim n. 10, 20 de janeiro de 2021. Disponível em: <[https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim\\_Direitos-na-Pandemia\\_ed\\_10.pdf](https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf)> Acesso em 8 de fevereiro de 2021
12. FERREIRA, R. G. G. Diversidade sexual na escola: sobre silêncios e preconceitos. **Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo**, Campus Baixada, 2020.
13. FURTADO, LAC. et al. Caminhos metodológicos de pesquisa participativa que analisa vivências na pandemia de Covid-19 em populações vulneráveis. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 44, n. especial 4, p. 306-318, dez. 2020. Disponível em: <<http://cebes.org.br/publicacao/saude-em-debate-v-44-n-especial-4-covid-19-conhecer-para-enfrentar-os-desafios-futuros/>> Acesso em 29 de janeiro de 2021.
14. GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência e saúde coletiva**. São Paulo, v. 8, n. 3, p. 825-829, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000300017>> Acesso em 1 de fevereiro de 2021.
15. KEIJZER, Benno. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. **Revista la Manzana**. v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <[https://www.gub.uy/ministerio-industria-energia-mineria/sites/ministerio-industria-energia-mineria/files/documentos/noticias/hasta\\_donde\\_el\\_cuerpo\\_aguante\\_genero\\_cuerpo\\_y\\_salud\\_masculina\\_b.keizjer\\_2003.pdf](https://www.gub.uy/ministerio-industria-energia-mineria/sites/ministerio-industria-energia-mineria/files/documentos/noticias/hasta_donde_el_cuerpo_aguante_genero_cuerpo_y_salud_masculina_b.keizjer_2003.pdf)> Acessado em 5 de fevereiro de 2021.
16. MARQUES, JSM; GOMES, R; NASCIMENTO, EF. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n.

- 2, p. 511-520, Fev. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000200024>> Acesso em 6 de fevereiro de 2021.
17. MEDRADO, B. et al. Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência e saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 179-183, Jan. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.35122020>> Acesso em 7 de fevereiro de 2021
18. MELO, K. M. M; MALFITANO, A. P. S; LOPES, R. E. Os marcadores sociais da diferença: contribuições para a terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. São Carlos, v. 28, n. 3, p. 1061-1071, Set. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarfl1877>> Acesso em 9 de fevereiro de 2020.
19. NASCIMENTO, ARA. et al. Masculinidades e práticas de saúde na região metropolitana de Belo Horizonte - MG. **Saúde e sociedade**. v. 20, n. 1, p. 182-194, Jan.-Mar. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000100020>> Acesso em 3 de fevereiro de 2021
20. NOGUEIRA, CGM; MIRANDA, MHG. A (re)produção das masculinidades hegemônicas: homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. **Revista Interterritórios, UFPE**, Caruaru, PE, v. 3, n. 5, p. 120-140, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/view/234444/27612>> Acesso em 29 de janeiro de 2021
21. OLIVEIRA, AL. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios, UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 154-166, maio, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>> Acesso em 8 de fevereiro de 2021.
22. SEPARAVICH, MA; CANESQUI, AM. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e sociedade** [online] v. 22, n. 2, p. 415-428. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000200013>> Acesso em 6 de fevereiro de 2021.
23. WERNECK, GL; CARVALHO, MS. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00068820>> Acesso em 9 de fevereiro de 2021.